

Os Fragmentos-Anacreonte de Hanns Eisler

Trechos da Griechische Lyrik de Eduard Mörike
Adaptados e musicados por Hanns Eisler nos Anacreon-Fragmente do Hollywood Liederbuch (1942)

Tradução e nota introdutória de **Vinicius Marques Pastorelli**



Em 1942, ao longo de um fluxo contínuo de trabalho com Brecht pautado não raro pela alusão direta ao contexto imediato (*Furcht und Elend des Dritten Reiches*) ou mesmo pela composição de marchas para intervenção junto aos partidos (*Solidaritätslied*), Eisler combina à parceria com o dramaturgo a composição deste ciclo de canções que seria inserido como um verdadeiro corpo estranho em seu importante Hollywood Liederbuch: os Anakreon-Fragmente, baseados em traduções do poeta romântico Eduard Mörike para poemas do lírico grego.

A reação negativa de Brecht pode ser vista, em retrospecto, na longa série de conversas que Eisler concedeu, já na DDR, a Hans Bunge em 1961⁽¹⁾. O centro da discórdia se refere, naturalmente, mesmo da parte de quem adaptaria a Antígona mais adiante, à abordagem dos clássicos em contexto tão adverso, sob o risco de escapismo ou acomodação. E, com efeito, não sem defender sua iniciativa, até mesmo Eisler chega a surpreender-se de que tenha, “diante das enormes questões e dificuldades suscitadas pelo exílio nos EUA e a Segunda Guerra, buscado revisitar Anacreonte, um poeta afeito à joie de vivre”.

Vista mais de perto, no entanto, essa reelaboração de Eisler para uma sessão das Grieschiche Gedichte de Mörike não deixa de ter a ver com o contexto a que supostamente escapou. Sendo também a realização de um programa seu de “tornar o *Lied* romântico novamente abordável pelos contemporâneos”, de modo a fazê-lo superar a “sentimentalidade do XIX, de raiz pequeno-burguesa, intrínseca ao gênero”.

De fato, o material escolhido pode seguir para ambas as direções. Afinal se, em parte, Anacreonte é o poeta da vitalidade satisfeita, do gosto sensual pelo vinho e pela natureza e do pendor à batalha, por outro lado, é também o ex-guerreiro, já velho, que reflete sobre o tempo e sua passagem meio inútil e devastadora. O mesmo apego à materialidade faz também com que suas narrativas em verso sejam filtradas amiúde por uma atitude terra-a-terra, praticamente banida do cânone pela leitura classicista do XVIII em nome do senso do sublime.

Bem considerada, portanto, tal contradição – buscada pelo compositor ali onde ele supostamente se fecha ao presente –, radica neste ciclo uma abordagem modernista do sentimento abstrato do tempo, bem como dos limites da ação humana, exacerbada pela alusão constante e elíptica ao contexto de guerra.

Esse é o fio vermelho que, como as ondas pseudo-impressionistas de *Dir auch Würde*, atravessa todo o ciclo, fazendo-se notar desde sua abertura, que se dá pela declaração inebriada de um belicismo orientado contra os valores de Afrodite (*Der sei nicht mein Genoss*), e que flui adiante, quando o contexto faz ver no Hades grego algo do caminho descendente rumo às trincheiras (*Die Unwürden des Alterns*), ou bem a brutalidade e a consagração oficial que acometem, sem contradição, os soldados (*Später Triumph*).

Ao final do percurso, turbulento e acompanhado de música semelhante – desvirtuada aliás do sentido mais interior que nela cunharam os criadores da Neue Musik –, o Lied, mesmo visitando paragens afins à nostalgia da pátria espiritual romântica, já não ressoa mais como na tradição, ainda hoje potente, da “Viagem de inverno”. É o que fica selado na última canção, In der Frühe, onde tenciona-se a saudade daquele que canta a terra natal ao alaúde com o desamparo dos exilados, subjacente a todo o ciclo.

A certa altura das conversas com Bunge, Eisler sugere que o editor pense para o documento um título que evoque a longa tradição alemã de diálogos com grandes escritores, da qual faz parte, entre outras, as Gespräche mit Eckermann de Goethe. A razão é aventada imediatamente pelo próprio compositor: refratadas pela figura de Brecht, as contradições do século apareceriam de modo mais nítido. Talvez o mesmo possa ser dito da ressignificação dos clássicos neste ciclo de Eisler, que, tal como o século XX, deu razão ao seguinte desafio lançado a Afrodite: “Companheiro meu não seja aquele que de vinho/ cheio o jarro, não conte de disputas e ardores de guerra”.

ANAKREON-FRAGMENTE

I GESELLIGKEIT BETREFFEND

Der sei nicht mein Genoss, der mir zum Weine
beim vollen
Becher nicht von Fehden erzählt und nicht vom
leidigen Krieg;
Sondern vielmehr in geselligem Frohsinn schwelgt
und gerne von
den Musen
Aphrodites holdseligen Gaben mir schwätz.
Nicht nach der Thrakerin neigt sich verlangend
mein Herz.
Denn zum Weintrinker bin ich gemacht.

II DIR AUCH WURDE SEHNSUCHT NACH DER HEIMAT TÖDLICH

Dir auch wurde Sehnsucht nach der Heimat tödlich.
Dir schreckte den Süd nimmer, der winterlich
stürmt.
So fing dir die betrüliche Jahrzeit ein
Und strömend spülten die Wogen den Reiz liebliche
Jugend hinab.

III DIE UNWÜRDEN DES ALTERNS

Grau bereits sind meine Schläfen, und das Haupt
ist weiß geworden,
Hin, dahin die holde Jugend; schon gealtern sind
die Zähne.
Von dem süßen Leben ist mir nur ein Restchen
Zeit geblieben.
Oft mir Tränen dies bedauer ich, vor dem Tartaros
erbebend.
Denn entsetzlich ist des Hades Tiefes, leidvoll seine
Straße,
Offen stets der Stieg, hinunter –, nimmermehr
herauf zu gehen.

FRAGMENTOS-ANACREONTE

I QUANTO À CONVIVÊNCIA

Companheiro meu não seja aquele que, de vinho
cheio
O jarro, não conte de disputas nem de ardores de
guerra;
Mas sim em afável jovialidade papagueie e prazenteiro,
sobre os
santos dons da musa
Afrodite, ponha-se a tagarelar.
À Trácia não mais vi meu coração sequioso se inclinar.
Pois um bebedor de vinho me tornei.

II PARA TI TAMBÉM A SAUDADE DO LAR FOI MORTAL

Para ti também a saudade do lar foi mortal.
A ti nunca assombrava o Sul que invernal assalta.
Assim apanhou-te a traiçoeira estação
E as ondas devastaram o viço da adorável juventude
em turbilhão.

III A INDIGNIDADE DO ENVELHECER

Cinza já, são os meus sonos; fez-se branca esta
cabeça.
Longe, longe, a juventude; já bem velhos trago os
dentes.
De toda a doce vida resta-me apenas um curto
tempo.
Isso aos prantos eu lamento, ante o Tártaro a
fremir.
Pois horrendo é o fundo Hades, doloridas, suas
vias,
Sempre aberta, a descida –, donde nunca mais
subir.

IV
SPÄTER TRIUMPH

Und um die Rippen zog es sich ein kahles Ochsenfell,
Von Schmutz starrend, ein altes Schildfutteral.
Und mit der Brotverkäuferin trieb er's
Und mit den mannsüchtigen Weibstücken,
Den schmutzigsten. Unsauber auch ganz war sein
Gewerb.
Oft im Block war sein Genick, desgleichen oft im
Rad.
Und oft auch mit Zuchtruten gepeitscht ward er.
Und auch am Kopf geschändet und sein Bart gerupft.
Und jetzt? Und jetzt? Den Prachtwagen besteigt er.

V

IN DER FRÜHE
Vom Dünnkuchen zum Morgenbrot
Erst ein Stücklein mir brach ich.
Trank auch einen Krug voll Wein dazu.
Und zur zärtlichen Laute jetzo greif'ich.
Mein arm heimatlich Land,
Wann werde ich dich wiedersehen?
Mein arm heimatlich Land

NOTAS

(1) Eisler, Hanns. "Gespräche mit Hans Bunge – Fragen Sie mehr über Brecht. Leipzig: VEB Deutscher Verlag für Musik. 1975.

Link para gravação com a soprano Roswitha Trexler e o pianista Jutta Czapski em "Eisler: Songs and Cantatas in Exile". Berlin Classics, cat. 9229, 1996.
<https://www.youtube.com/watch?v=KmTNU0AXt7E>

IV
TRIUNFO TARDIO

E em torno às costelas enrolou uma calva pelagem
bovina,
De sujeira besuntada, em velha capa o escudo.
E entre as vendedoras de pão ele andou,
E entre as damas atraentes,
As mais sujas. Nada limpos também foram seus
negócios.
Sobre o lajedo esteve sua nuca muitas vezes, ou à
roda.
E muitas vezes foi também com varas açoitado.
E também a cabeça lhe quebraram e as barbas lhe
arrancaram.
E agora? E agora? Ele monta à carruagem.

V

PELA MANHÃ
Da ceia ao desjejum
Roí só um pedacinho.
De vinho também, foi-se um cântaro.
E ao doce alaúde eu já recito:
Minha pobre terra natal,
Quando vou te ver de novo,
Minha pobre terra natal?